

1

Com o balanço do navio, a lanterninha pendulava, atraindo-lhe o olhar para essa luz que mal iluminava o pequeno camarote. Normalmente acabava por adormecer fitando a chamazinha suspensa do tecto. Nessa noite não conseguia juntar as pálpebras e afugentar a ideia de deixar o mar e mudar de vida. Também ele balouçava entre uma coisa e outra, manter-se por mais tempo a bordo do seu palhabote ou vender o barco e assumir ocupação diferente, então em terra ao lado da mulher e dos filhos. Estava farto de viver enclausurado nessa cadeia de pau, apenas com escassos dias de liberdade nos intervalos das viagens. Até mesmo quando atracado ao cais de Providence um mês, mês e meio, a receber carga, lhe era dado deixar o navio. Ele e o contramestre tinham de estar presentes para receber as caixas e os bidões, a melhor forma de controlarem a entrada dos dólares. E também de controlarem a estiva, tarefa que não confiava aos marinheiros, pois a distribuição dos volumes no porão era vital para o equilíbrio do navio. Já uma vez, à saída da barra, ia acontecendo uma desgraça devido à má arrumação da carga. Não tivesse mandado folgar as escotas e arriado o pique e a boca do traquete e da vela grande, o Nossa Senhora do Monte virava de quilha para o ar. O incidente custou-lhe caro, pois teve de pedir socorro, regressar ao porto para corrigir a estiva. Não foram poucos os dólares que gastou com essa brincadeira. Fechou os olhos para tentar conciliar o sono. Não seria fácil deixar de pensar na

possibilidade de trocar o mar pela vida em terra, à frente da propriedade herdada duma tia pela mulher e duma lojinha de secos e molhados no rés-do-chão da sua casa. Sempre seria uma existência mais calma, longe das surpresas do mar e longe da crise que grassava na América, fábricas a fecharem as portas, gente a caminho da assistência pública em busca de ajuda alimentar, patrícios a não poderem apoiar os familiares nas ilhas, alguns no negócio de *moonshine* fabricado às escondidas por causa da lei seca. Crise de tal ordem que desta vez havia ultrapassado o tempo de estadia habitual para carregar o navio. Até teve de fazer muita publicidade e baixar as tarifas, para conseguir encher o porão. Quanto a passageiros, apenas dois homens e uma mulher. Assim não valia a pena continuar a castigar-se naquele vaivém monótono, cada vez menos lucrativo. O prédio da vila necessitava de beneficiação, tanto exterior como interiormente. Há muitos anos que não conhecia qualquer atenção, as paredes teriam de ser picadas e reparadas, as estruturas em madeira pintadas, determinadas telhas precisavam de ser substituídas. O rés-do-chão levaria alterações para aí instalar o seu comércio, balcão, prateleiras, arrecadação, um pequeno escritório. Arrecadação ou armazém suficientemente amplo para caberem os géneros de importação e exportação. Sim, não se satisfaria só com as mercearias. Pensava também meter-se na área da purgueira, do rícinho e da mancarra, que adquiriria a troco de tecidos e outros artigos. Tinha uma ideia muito clara sobre o que queria. Aliás, era dono dum navio mercante, muito experimentado nas compras e vendas. De contabilidade comercial é que não entendia muito. Para isso, tinha o primo Manuel, profissional honesto e competente, ocupado com a escrita da firma Irmãos Unidos, mas que teria tempo para o ajudar e ensinar-lhe alguma coisa nesse sentido. A propriedade de Lagariça

também pedia trabalhos. Eram os socalcos para arranjar, a casinha para restaurar, a cisterna para impermeabilizar, pois perdia água, enfim os projectos afiguravam-se-lhe muitos e vastos, daí a insónia que o mantinha de olhos abertos, e eram já três horas do dia seguinte. E não era só isso a causa da espartina. Também a família ocupava os seus pensamentos. A Eugénia saía à mãe, arrumada e excelente cozinheira. Homem que um dia a levasse, levaria uma prenda rara. Virou-se para outro lado para ver se esquecia os problemas da vida, que, aliás, nem eram graves, mas tinham de ser equacionados. Até então não tinha havido nenhuma complicação. Felizmente. Entretanto, surgira a crise americana, que prometia durar. Os patrícios que trabalhavam no carvão, nos têxteis, na pesca da baleia, na apanha do morango, nos restaurantes, viviam em sobressalto por causa dos despedimentos e *lay-offs* que não paravam. De sorte que urgia estabelecer uma base sólida de sobrevivência na terra e esquecer *Providence e New Bedford* para sempre. O pior é que o Atílio, dezassete anos de idade, já no quinto ano do liceu, não pensava noutra coisa senão ser capitão como o pai. Também sonhava com as viagens à América e costa de África no comando do seu palhabote, que até poderia ser o Nossa Senhora do Monte. Quando ele tomasse conhecimento da intenção paterna de vender o navio, decerto cairia em choque. Ouviu as badaladas de mudança de quarto, eram quatro horas da manhã e não teve mais paciência de continuar acordado. Pôs-se em pé resolutamente, envergando o seu roupão, apesar da temperatura amena que fazia. Abriu a porta do camarote devagarinho de molde a não incomodar a passageira que dormia no único beliche da câmara, lá ao fundo, por baixo da roda do leme. Várias vezes ela se queixou do ranger do timão, apesar da grande quantidade de massa consistente gasta na

lubrificação do dito. Ultimamente, por acaso, não se tinha queixado. Ela era a única mulher num total de três passageiros. Os dois homens vinham alojados no rancho dos marinheiros. Um deles ostentava mau aspecto, muito magro e tossicando constantemente. Chamava-se Amancinho, com familiares nas Campanas, que o aguardavam ansiosamente. Ele, capitão Hilário, partira do Fogo com a recomendação de o trazer de volta, sem falta. Sabiam que o homem se achava muito doente e desenganado pelos doutores. Tinha os dois pulmões devastados por doença cancerosa. Ao sair do camarote, viu a passageira sentada no beliche, com as pernas penduradas, como que querendo erguer-se do leito.

— Deseja alguma coisa?

— Não senhor, já se me acabou o sono.

— A mim também.

Via-se mesmo que já lhe passara o enjoo. A primeira semana de viagem foi horrível. Até sangue vomitou, possivelmente da garganta, com os arranques que vinham do interior. Durante aqueles dias a mulher não comeu e não bebeu. Trazia os olhos encovados, rodeados por uma auréola arroxeadada. Quase que deixou de urinar. A palidez contrastava com a pretidão dos cabelos, a voz sumira, o quebranto era grande. O estado de saúde dela preocupava-o. Andou sempre à roda da senhora, ora com algo de beber, ora com um caldo, ora com uma compota, mas ela desinteressada de tudo quanto fosse para engolir. Um belo dia começou a melhorar. Foi quando deu sinal de querer tomar qualquer coisa que não fosse para mastigar. Ocorreu-lhe a ideia de lhe dar umas colheres de suco de carne em água quente como se fosse um *consommé* de galinha. Ela tomou uma chávena e pediu outra. A pouco e pouco foi aceitando outros alimentos, além de água, que requeria de hora a hora. Pudera! Depois

de tantos dias sem beber, devia estar seca por dentro. E por fora também. Aquelas olheiras, aquela pele macilenta, denotavam falta de água e de tudo o resto. Ele sabia muito bem o que era o enjojo. No início da sua vida no mar, sofreu imenso. O capitão dizia-lhe "rapaz não te rendas ao enjojo. Luta contra ele, que isso passa. É mal que acontece a todos, salvo um ou outro".

— É servida dum cafezinho?

— Sim, pode ser — ela sorriu, mostrando os dentes manchados de castanho como se acabara de comer chocolate.

Libânia era natural da ilha Brava, do sítio da Lavadura. A população daquele lugar e doutras aldeias possuía bons dentes, mas acastanhados. Dizia-se antigamente que isso era motivado pela batata doce que os bravenses comem de manhã à noite. Ultimamente veio-se a saber que o mal está na água de consumo, rica em fluoretos, umas nascentes mais do que outras. Se a senhora não fosse da Brava, até teria umas ricas fiadas de dentes. Era mesmo bonita, perfeita dos pés à cabeça e, sobretudo, amorável, como se diz na sua ilha.

O termo estava enfiado num dos orifícios da prateleira aparafusada à mesa, por causa do balanço do navio. Nele havia sempre café quentinho que o capitão Hilário não dispensava. O moço de câmara, o Alfredo, tinha o cuidado de manter sempre abastecida essa garrafa térmica. Assim, ele abriu uma gaveta do móvel encostado à divisória da câmara com o porão, retirou duas canecas de louça grossa e colocou-as sobre a mesa. Doutra gaveta retirou uma lata que chocalhou para verificar se dentro havia o que ele queria. E havia mesmo. Também deitou a mão a uma latinha de leite condensado ainda por abrir. Preparou tudo muito bem, as bolachas, o café com leite, e perguntou à D. Libânia se vinha à mesa ou se queria o seu dejejum no beliche.

— Não, obrigada, eu vou lá.